

TESSITURAS ENTRE A ANTROPOLOGIA E A ARQUEOLOGIA NO BRASIL: entrevista com Pedro Paulo Abreu Funari¹

Pedro Luís Machado Sanches²

Após sua formação acadêmica ligada à Universidade de São Paulo (USP), relatada nesta entrevista, Pedro Paulo Abreu Funari se tornou livre-docente em História e Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem atuado como professor efetivo de programas de pós-graduação da Unicamp e da USP, e colabora com outros programas e instituições no Brasil e no exterior, dentre as quais, a *University of Stanford* e a *Illinois State University*, nos Estados Unidos da América, e a *Universidad de Barcelona*, na Espanha. Supervisionou 13 pós-doutoramentos, 29 doutoramentos, 34 mestrados, coordena diversos centros, núcleos e grupos de pesquisa na Unicamp e no CNPq, e é o apresentador do programa de televisão "Diálogo sem fronteira" da RTV Unicamp. Funari integra os conselhos editoriais de mais de 50 revistas científicas

¹ Entrevista realizada no Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, dia 19 de setembro de 2013.

² Pedro Luís Machado Sanches se graduou em Filosofia na Universidade de São Paulo, fez mestrado e doutorado em Arqueologia no Museu Arqueológico e Etnológico da mesma universidade. Entre 2005 e 2008, foi professor do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, em São Raimundo Nonato, Piauí. Atualmente, é professor do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPel. E-mail: plmsanches@yahoo.com.br.

Tessituras

estrangeiras e brasileiras, publicou e organizou mais de 80 livros e reedições, 215 capítulos, e mais de 545 artigos em mais de 130 revistas científicas estrangeiras e brasileiras. Tem e teve projetos com pesquisadores estrangeiros das principais instituições de pesquisa do mundo e co-editou enciclopédias como *Encyclopaedia of Historical Archaeology*, *Oxford Encyclopaedia of Archaeology* e *Encyclopaedia of Archaeology*. Participou de mais de 400 eventos e organizou mais de 115 reuniões científicas. Foi Secretário do *World Archaeological Congress* entre 2002 e 2003, é membro permanente do conselho da *Union Internationale des Sciences Préhistoriques e Protohistoriques* (UISPP) e sócio da ANPUH, ABA, SAB, SBPH, SHA, SAA, WAC, ABIB, AAA, *Roman Society*, *académico extranjero de la Academia de Historia de Cuba* desde 2013. Sua obra é intensamente referenciada no Brasil e no exterior, contribuindo decisivamente para a formação de Arqueólogos, Historiadores, Antropólogos, e uma diversidade de outras especialidades em Ciências Sociais, razão pela qual dispensa maiores apresentações.

Pedro Luís Machado SANCHES: *Em primeiro lugar, gostaria de agradecer por entrevistá-lo aqui em Campinas. Esta é uma contribuição para a revista Tessituras, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, e como a revista está lançando seu primeiro número, pareceu muito importante poder contar com as palavras daquele que é, seguramente, o arqueólogo brasileiro com a mais larga experiência editorial, tanto no Brasil, quanto no exterior. De que maneira avalia a criação de uma revista de Arqueologia e Antropologia no atual cenário acadêmico?*

Pedro Paulo Abreu FUNARI: Em primeiro lugar, gostaria de dizer que a iniciativa de vocês de fazerem uma revista no âmbito da Antropologia e da Arqueologia é muito positiva, porque falta justamente uma maior interação

entre essas áreas, no geral, mas, em particular, no nosso país. Acho que esta é uma iniciativa que deve ser saudada como muito positiva. Em seguida, é preciso dizer que essas duas áreas têm pontos em comum muito fortes, e que não foram explorados ainda com a devida atenção no Brasil. A nossa tradição de pesquisa arqueológica está muito mais ligada à História, e quando tivemos ligações com a antropologia, elas se deram de modo bastante tangencial, sem aprofundamento no que se refere à teoria social antropológica. Creio que uma revista que se chama Tessituras, e procura ressaltar os pontos de contato entre as ciências enquanto disciplinas é uma iniciativa muito boa. Em segundo lugar, não só no que se refere à Pré-História e aos grupos indígenas, a relação entre a Arqueologia e a Antropologia é importante. A Antropologia hoje abrange muito mais que o estudo dos grupos indígenas, ela é teoria social, estudiosa também dos grupos humanos da nossa própria sociedade contemporânea. Mesmo para estudos de Arqueologia Histórica e de Arqueologia Contemporânea, a experiência antropológica será muito importante, e um exemplo recente é o caso da Arqueologia da Repressão durante as ditaduras na América Latina. Seguramente, há uma interface muito grande deste tema com as perspectivas antropológicas, em como lidar com pessoas que sofreram prisões, tiveram outras restrições ou viveram no exílio. Logo, a interface entre Antropologia e Arqueologia existe para os tempos mais antigos, na Pré-História, e também para o tempo mais recente.

P. L. M. SANCHES: *A revista Tessituras surge vinculada a um programa de pós-graduação, mas se liga, indiretamente, também ao curso de bacharelado que, na UFPel, é igualmente compartilhado entre a Antropologia e a Arqueologia. Formar arqueólogos nessa interface é algo inédito no Brasil, e a própria formação de arqueólogos em nível da graduação é rara e, quase toda, recente no país. Tanto tempo após ter escrito sobre a formação de arqueólogos no Brasil, caberia lhe perguntar: de que maneira avalia as mudanças recentes nessa formação, o surgimento de*

cursos de graduação em Arqueologia, a multiplicação de programas destinados a formar arqueólogos em todo o país? E de que modo compara a sua própria formação em Arqueologia com as possibilidades que existem hoje?

P. P. A. FUNARI: Escrevi um artigo há mais ou menos uma década, justamente sobre o tema da formação de arqueólogos no Brasil³. Nesses poucos anos, houve uma mudança substancial no quadro, como você disse, então acho que o tema realmente merece nova reflexão. A minha formação remete à situação anterior. Eu fiz uma graduação em História, seguida de mestrado em antropologia social, - portanto, no âmbito das Ciências Sociais-, e depois, um doutoramento em Arqueologia. Meu mestrado se deu num programa bem conceituado de Antropologia Social, na Universidade de São Paulo, e a minha pesquisa, desde então, esteve voltada para a cultura material. Diga-se de passagem, o meu doutoramento em 1990 foi pioneiro. Quando surgiu o doutoramento em Arqueologia *stricto sensu*, eu fui o primeiro, ou um dos primeiros, a receber essa titulação na USP e no Brasil.

Minha formação demonstra duas características que se generalizavam até a última década: primeiro, o fato de que as pessoas eram graduadas em diferentes formações, ou seja, não eram inicialmente formadas em Arqueologia. Elas provinham principalmente dos cursos de História, mas também, eventualmente, das Ciências Sociais ou até da Biologia e da Geografia. Em seguida, no mestrado e no doutoramento, os futuros arqueólogos se aproximavam da arqueologia no objeto, mas não na titulação. A formação arqueológica específica em pós-graduação, como eu disse, só começou em 1990, e trouxe vantagens e desvantagens. No meu caso, a principal vantagem foi o fato de que eu tive uma visão muito mais variada, tanto em termos teóricos, quanto empíricos. Durante a graduação, por exemplo, nunca havia lido Malinovski ou Lévi-Strauss, mas no mestrado em

³ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Como se Tornar Arqueólogo no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 74-85, dez./fev. 1999-2000. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/44/05-pedropaulo.pdf>. Acesso em: 24 out. de 2013.

antropologia social, fui obrigado a ler esses autores. Tais leituras são importantes para que o estudioso possa ter uma visão mais ampla, e sob outra perspectiva. Malinovski e, principalmente, Lévi-Strauss têm uma abordagem das culturas bastante diferente, ou até divergente da perspectiva histórica. Essa formação, que era a que prevalecia até os últimos anos, tinha tais características, e muitas vezes a pessoa não tinha uma formação muito aprofundada em arqueologia, teoria arqueológica ou prática de campo, nem em disciplinas que se voltassem para estudos particulares como, por exemplo, a numismática, ou o estudo de cerâmica, estudos específicos que faltavam, porque os cursos não eram voltados para isso.

Vamos agora para a segunda parte da sua pergunta que é como isso mudou ou está em processo de mudança, porque não mudou totalmente ainda. Com a criação do primeiro curso de pós-graduação, em 1990 na Universidade de São Paulo, e depois, com o surgimento de alguns outros cursos de mestrado e doutoramento ao longo dos anos 90, tivemos um primeiro movimento, no sentido de que a pessoa tinha uma formação muito variada na graduação, mas, ao entrar no mestrado e no doutorado, passava a ter disciplinas específicas da área. Naquele momento, isso foi importante para a demarcação burocrática e administrativa de um campo, foi importante porque fez existir a Arqueologia como um campo específico. A partir do ano 2000, quando começam a surgir graduações em Arqueologia, como o curso da Universidade Federal de Pelotas, penso que se inaugura um segundo momento, que estamos apenas começando a presenciar. Este é o momento no qual viemos a ter pessoas que se iniciam na graduação em Arqueologia e depois, eventualmente, seguem seus estudos no mestrado, e no doutoramento. Cursar disciplinas da área desde o início da carreira tem também aspectos positivos e negativos, não é consenso internacional, não é uma prática bem estabelecida que a graduação seja em Arqueologia. Em alguns países, como é o caso da Grã-Bretanha, é assim, mas na maioria dos outros países, a formação se dá numa área mais ampla, com especialização em Arqueologia num segundo momento. O caso dos Estados Unidos é o mais

Tessituras

conhecido, lá a graduação em Antropologia está no âmbito maior das Ciências Sociais, e dentro da Antropologia existe a especialização em Arqueologia a partir de determinado momento do curso. Na Europa continental, as ligações variam, a formação em Arqueologia se liga à História, ou à História da Arte, de tal maneira que também lá a especialização arqueológica se dá no meio da graduação. Os novos cursos brasileiros estão entre os dois modelos, o modelo britânico, que é o que mais levou a fundo a graduação em Arqueologia, e o modelo norte-americano, ligado à Antropologia. Acredito que todos os modelos tenham vantagens e desvantagens. A vantagem de seguir uma formação como a da UFPel e também da Universidade Federal de Minas Gerais, está em proporcionar uma formação mais ampla, submetendo as pessoas a uma literatura antropológica, aos autores clássicos da Antropologia, que são importantes para que se possa entender a sociedade que está sendo estudada, em qualquer época. Creio que a formação desde a graduação em Arqueologia, como ocorre na Inglaterra e em alguns lugares do Brasil, tem o desafio de evitar que o curso se torne por demais técnico e militar, como se seu objetivo fosse formar técnicos de campo. O estudo da teoria arqueológica é importante, mas existe uma teoria antropológica mais ampla que a arqueológica, e tão ampla quanto a teoria historiográfica. Há até mesmo questões de caráter filosófico envolvendo a formação em Arqueologia, porque os autores citados na teoria arqueológica são filósofos, sociólogos, antropólogos e historiadores. Convém que mesmo num curso específico de Arqueologia, o aluno tenha uma formação que não se restrinja ao âmbito da teoria arqueológica, abranja a teoria social, histórica, filosófica, seja mais ampla. De qualquer maneira, para concluir a resposta, considero que essa diversificação da formação que estamos presenciando no Brasil não possibilitou a existência de uma formação única. E isso é bom, porque teremos como verificar qual o resultado de cada modelo na formação dos alunos.

Tessituras

P. L. M. SANCHES: *Estamos falando da sua formação, e de sua trajetória como pesquisador e acadêmico. Um dos traços marcantes de ambas é a relação com os estudos clássicos. Você vem de uma formação ligada à Arqueologia Clássica que nunca o impediu de trabalhar diretamente com temas brasileiros, participar da escavação do Quilombo de Palmares, fazer trabalhos em Arqueologia Histórica Latino-Americana e em Arqueologia Pública, abordando muitos temas, de interesses variados, envolvendo também outras especialidades científicas. Como vê, em sua experiência, a relação entre os estudos clássicos e outros campos de interesse arqueológico?*

P. P. A. FUNARI: Eu vejo de maneira muito positiva, porque quando iniciei na Arqueologia Clássica tive a satisfação e a felicidade de fazê-lo por meio da professora Haiganuch Sarian, uma estudiosa de cerâmica grega que sempre me deu, como orientação, o que eu considero ser um grande legado à minha formação: atuar em diversas áreas, tomar contato com praticamente tudo que estivesse disponível onde eu estagiava, o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Essa primeira abertura propiciada pela minha orientadora, teve sentido de uma indicação, segundo a qual eu deveria seguir cursos, por exemplo, de cultura africana, mas também de culturas ameríndias, e especificamente de culturas da Amazônia, que não tinham diretamente a ver com a minha pesquisa em Arqueologia Clássica. Essa primeira indicação da minha orientadora foi importante para que eu mesmo verificasse que era legítima, e me poderia ser útil, pela comparação, conhecer coisas que não são as mesmas, mas que podem ser confrontadas. Esse primeiro momento se deu no início da minha graduação e, já num segundo momento, durante o doutoramento, uns seis anos depois, tive a oportunidade de fazer pesquisa de campo na Inglaterra, onde conheci outro grande mestre, o professor Peter Ucko, que me acolheu muitas vezes em sua casa, generosamente, ele e sua família. O professor Peter Ucko era um espírito extremamente generalista, e foi a pessoa que me incitou não só a ler e assistir cursos, como a professora Haiganuch já havia feito, mas também a

Tessituras

intervir nesses temas. Logo na primeira vez que estive com ele, ainda como doutorando, me pediu que tratasse da Arqueologia Brasileira. Então, em parte, fui levado a me interessar pela Arqueologia Brasileira justamente porque ele estava me convidando a refletir sobre ela, querendo que eu publicasse e falasse sobre o assunto. Este convite me levou não só a ler e a estar interessado, mas a estabelecer a comparação. Logo, cheguei ao professor Charles Orser Jr., o contatando ainda por cartas, quando ele então me propôs um trabalho em conjunto que resultou no projeto de Palmares. Tudo isso para dizer que foi um processo lento, mas creio que muito importante, porque me permitiu verificar as tessituras, - para fazer uma referência à revista de vocês -, entre realidades muito diferentes. Entre as realidades gregas e romanas que eu estudava, e o contexto latino-americano que eu conhecia melhor, no qual tive contato com diversas pessoas também. Meu exemplo, a minha trajetória, fui encontrando com o passar do tempo, em estudiosos mais ou menos contemporâneos como, por exemplo, David Small, um arqueólogo que também se especializou em Grécia Clássica, mas programaticamente estabelece comparação com a Contemporaneidade, e estabelece até uma rede de pessoas que também têm essa preocupação. Gradativamente, fui vendo que outros estudiosos também tiveram a ousadia, - porque realmente é uma ousadia -, de comparar e transitar entre especialidades tão tradicionais, como a Arqueologia Clássica, uma especialidade muito tradicional, com muito *pedigree*. Essa abertura é muito rica, em primeiro lugar, por causa do aspecto comparativo, por permitir estabelecer, em situações completamente diferentes, certas comparações que podem ser úteis para o estudo de um ou do outro lado. O segundo aspecto que me parece fundamental, - e muitos colegas no mundo também viram isso -, é o fato de que o estudo da Antiguidade Clássica não pode ser desvincilhado da História Moderna e Contemporânea, porque justamente o que explica a existência de escolas de Arqueologia em Atenas e Roma, as escavações em determinados lugares, ou as interpretações que foram feitas, não está na Grécia Antiga, não está na Antiguidade Romana, está nas

políticas dos estados nacionais modernos. Richard Hingley, com quem trabalhamos, segue nesse mesmo sentido, ele também é arqueólogo clássico romanista e, no entanto, foi cada vez mais se adentrando nos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, estudando como esses séculos forjaram imagens de Roma, e como é artificial tentar ir a Roma sem considerar essas intermediações. Creio que do ponto de vista metodológico e experimental, este aspecto é muito relevante para o arqueólogo clássico, ou mesmo para o arqueólogo que trabalha com Arqueologia Histórica. E porque a Arqueologia Histórica? Porque é aquela que lida com um período mais recente, com os últimos 500 anos, nos quais temos tantas referências diretas à Antiguidade Greco-romana. Por exemplo, estilos como o neoclássico, inspirado na pintura pompeiana. Quando Pompéia foi descoberta, começou a se construir um Mundo Ocidental também como pintura. Isso é algo evidente, assim como o uso que se fez dos antigos para justificar certas práticas da época, o que Moses Finley já esclarecia há muito tempo, em seu livro sobre escravidão antiga e ideologias modernas⁴. Creio que nos dois lados, e em ambos os aspectos, a relação é extremamente útil e profícua.

P. L. M. SANCHES: *Após uma resposta tão abrangente, outras questões que eu quisesse propor pareceriam pouco importantes. Muito obrigado pela entrevista, professor, e até mais!*

AGRADECIMENTOS: Além do Professor Pedro Paulo Funari que gentilmente concedeu esta entrevista, caberia aqui agradecer ao Martín César Tempass, um dos editores de Tessituras, por propor a realização da

⁴ FINLEY, Moses I. **Ancient slavery and modern ideology**. Cambridge (U.K.) & New York: The Viking Press, 1980. Também em português: FINLEY, Moses I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Tradução de Norberto Luiz Guarinello. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

Tessituras

mesma; ao LAP (Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte) da Unicamp, pela gentil acolhida e apoio; ao LÂMINA (Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica) e ao GEPE (Grupo de Estudos e Pesquisa em Estuques), ambos da UFPel, pelo apoio institucional. A transcrição desta entrevista foi realizada por Nadine Mello Pereira, acadêmica da Licenciatura em História da UFPel e bolsista de Extensão Universitária do GEPE. A revisão de texto e as notas são do próprio entrevistador.